



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

## LITERATURA INFANTIL E VALORES INCLUSIVOS



## CHILDREN'S LITERATURE AND INCLUSIVE VALUES

Luiza Gomes dos Santos BESSA  
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 07/07/2021 • APROVADO EM 19/04/2022

---

### Resumo

Este artigo tem como propósito discutir a importância da literatura infantil para o desenvolvimento social, cognitivo, emocional e afetivo da criança, bem como observar de que forma essa literatura pode ser usada para construção de valores como a aceitação, o respeito, o acolhimento e a empatia enquanto sujeito de uma sociedade multicultural. Demanda também verificar como as histórias infantis, elaboradas de forma lúdica, abrem leques de oportunidades para expor temas delicados e conflituosos como: deficiências físicas, preconceito racial, exclusão, *bullying*, etc. A problemática será analisada a partir de duas obras direcionadas ao público infantil que trazem reflexões significativas sobre a inclusão, são elas: *O coelho sem orelhas* de Til Schweiger e Klaus Baumgart e *Tudo Bem Ser Diferente*, de Todd Parr, que abordam a temática de forma ampla e divertida, visando uma convivência mais tolerante na sociedade.

---

### Abstract

This article aims to discuss the importance of children's literature, for social, cognitive, emotional, and affective development of the child, as well as to observe how this literature can be used to construct values as acceptance, respect, welcoming and empathy as a subject of a multicultural society. It also demands verifying how playful children's stories open up ranges of opportunities to expose sensitive and conflicting topics such as physical disabilities, racial bias, exclusion, bullying, etc. The problem will be analyzed in the view of

two works aimed at children that bring significant reflections on inclusion, they are: *The rabbit without ears* by Til Schweiger and Klaus Baumgart and *It's Okay To Be Different*, by Todd Parr, that address the theme in a broad and fun way, aiming at a more tolerant coexistence in society.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Literatura. Criança. Diversidade.

**Keywords:** Literature. Child. Diversity.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O uso da literatura infantil pode contribuir na formação da criança e no desenvolvimento de habilidades para o seu convívio social no sentido que os livros infantis além de seu cunho artístico podem ensinar educar e transmitir valores, estimulando a imaginação de uma sociedade mais tolerante, acolhedora e inclusiva. Nesse sentido, a pesquisa visa discutir de que forma a literatura infantil pode ser empregada para discorrermos sobre temas inclusivos; de que modo ela apresenta conteúdos que envolvam o preconceito, a exclusão, o *bullying* ou as deficiências físicas; como livros infantis podem reforçar a aquisição de valores importantes como a empatia, a aceitação, o acolhimento, o respeito e o afeto.

Fazemos parte de uma sociedade que se caracteriza pela presença da diversidade e a literatura tem-se mostrado como uma plataforma importante para a exposição de temas que envolvem comportamentos, anseios e preocupações existentes na sociedade contemporânea. A literatura infantil pode estimular reflexões sobre as diversas formas de ser no mundo, convidando para uma postura crítica e inclusiva. Nesse sentido, a pesquisa trará discussões sobre como a literatura infantil contribui para a imaginação de valores a partir dos livros: *O Coelho Sem Orelhas* (2012) de Til Schweiger e Klaus Baumgart, e *Tudo Bem Ser Diferente* (2009) de Todd Parr.

De forma lúdica, os livros abordam questões como preconceito, exclusão, indiferença e *bullying*, ao mesmo tempo esboçam uma atitude de empatia, afeto, respeito e acolhimento. Assim, os dois textos contribuem para a imaginação de formas alternativas da convivência social. Nisso, eles se inserem num conjunto de textos que buscam pensar a infância no marco de experiências de exclusão (MATHIAS, 2020), de hostilidade (MÜLLER/MATHIAS, 2020a) ou em seu contato com as narrativas culturais de sua socialização (MÜLLER/MATHIAS, 2020b). É esse poder impulsionador que a literatura pode exercer que configura sua importância na busca de uma sociedade mais tolerante, inclusiva e justa.

### 1. A literatura infantil e a produção de valores

A literatura infantil aparece no Brasil a partir do século XIX, com caráter conservador, tendo as primeiras produções adaptadas ou traduzidas dos clássicos europeus, notada pelo cuidado com a norma culta da língua, apresentando à

sociedade um modelo de vida segundo os princípios e interesses da classe burguesa dominante. O contexto social e político brasileiro estavam marcados pelo fim da escravidão, pela Proclamação da República, a exportação do café, a urbanização e a estética literária romântica se modificando para a realista, aspectos que interferiram nas identidades, nas culturas e nos valores desta sociedade. Coelho (2000, p. 41) destaca que, “o Brasil foi descoberto no albor do Renascimento, mas sua índole se forjou com valores culturais medievais, feudais, misturados com valores africanos e indígenas, tribais”. Certamente, as histórias produzidas oralmente pelos escravizados e indígenas foram incorporadas à literatura infantil brasileira, dando início a um imaginário nacional, com experiências locais e para além da classe dominante.

Diferentemente da literatura de séculos passados que estimulava disciplina, rigidez e obediência a normas e costumes, a literatura infantil contemporânea muda sua configuração, instigando na criança um comportamento curioso, irreverente e autônomo. Segundo Vieira (2015, p. 16), “a partir da década de 1970, a literatura infantil se expandiu no mundo todo, inclusive no Brasil, mudando assim a visão moralista até então existente; e as editoras apostavam em obras que pudessem agradar os novos leitores”. Essa mudança no mercado editorial, também impacta no modo como valores são pensados e encenados nesses textos. Em uma perspectiva menos disciplinadora, os autores passam a enxergar a criança como ser ativo que lida com os problemas do cotidiano e que amplia sua visão de mundo.

Nesse horizonte, também começam a se destacar problemas sociais, os quais passam a ser foco de atenção na literatura infantil. Assim, o trabalho de produção e reflexão sobre literatura infantil se vê confrontado não somente com a necessidade de rever os valores legados por séculos passados, mas também de problematizar o modo como ela contribui para a construção de visões de mundo na contemporaneidade. Com efeito, a abertura do mercado editorial para a diversidade não implica automaticamente a revisão de valores.

Tendo essa realidade social como ponto de partida, cabe problematizar como a literatura produzida para crianças contribui, ou não, para a disseminação de preconceitos e práticas de exclusão. Quando ela se afilia a um esforço de imaginação da diversidade, pode servir como plataforma para rever formas de ser no mundo, permitindo, através de seus enredos, visualizar alternativas de posicionamento na cartografia social. A escolha do *corpus* de leitura, portanto indica que valores se almejam imaginar. O universo ficcional da literatura pode ser um convite prazeroso para a criança se sensibilizar diante de temas tão oportunos.

Embora tendo cunho artístico ou ficcional como foco, a literatura pode igualmente estar vinculada a aspectos pedagógicos estimulando nas crianças a sensibilidade, a curiosidade a imaginação e a tomada de decisão. A literatura infantil auxilia no desenvolvimento psíquico, social, emocional e cognitivo da criança. Coelho (2000, 18) evidencia “a literatura infantil como agente formador, por excelência”, conceito compartilhado também por Abramovich (2006, p. 16), “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

A imersão no mundo ficcional pode despertar emoções, criar imaginários, construir novos caminhos na produção de sentidos ou também fortalecer vínculos sociais:

Quando uma criança ouve uma estória, ela exercita a memória, a atenção, concentração, ela aprende a escutar outras pessoas, ela vibra, se emociona, seu vocabulário é aumentado, sua noção de espaço é ampliada. Ela é convidada a conhecer outras terras, outras pessoas, outras culturas, outras situações de vida, diferentes das suas. (FIDELIS, 2005, p. 50).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p. 25) cita que a narrativa pode e deve ser a porta de entrada de toda criança para os mundos criados pela literatura. As histórias infantis constituem uma fonte rica de informações sobre diversas culturas e suas formas de lidarem com questões éticas e emoções, sensibilizando as crianças para a complexidade e diversidade do mundo real. Nesse esforço de imaginação, a criança também é inserida no mundo dos valores.

Nesse sentido, é fundamental que a criança tenha contato com os livros, observando, manuseando e ouvindo suas histórias. O vínculo afetivo estabelecido entre o contador e ouvintes é outro fator relevante, pois quando a criança se sente acolhida e segura ela poderá manifestar sua interpretação e seu imaginário, até mesmo seus anseios e realidades. Com isso, cria-se uma atmosfera em que valores não são impostos como verdades a serem seguidas, mas como propostas com as quais os ouvintes estabelecem diálogos, traçando percursos diferenciados de imaginação da realidade.

Como já referido, muitas emoções são desencadeadas mediante enredos ficcionais. A criança passa a viver os sentimentos provocados pelas narrativas e aprende a dar significado e se posicionar no mundo. A escolha do corpus de leitura, portanto, pré-dispõe os potenciais para imaginar valores. Isso, contudo, pressupõe um esforço de reflexão sobre formas de pensar a identidade na contemporaneidade, sobre modos de sensibilizar para a diversidade nos espaços de formação e clareza sobre a dinâmica de valores que se instala a partir do mundo ficcional. É tarefa de quem conta a história fazer com que esse momento seja divertido, interessante e produtivo, provocando o imaginário da criança, como propõe Vieira (2015, p. 16):

Na infância, a criança aprende a lidar com o imaginário, onde a fantasia passa a fazer parte de sua vida; os monstros aparecem, os super-heróis são reais e, nesse período, a criança “dá asas à sua imaginação”, sendo que muitas vezes ela confunde esses momentos com a realidade. Geralmente, essa fantasia acontece com a leitura de histórias infantis que estimulam o raciocínio e a parte cognitiva; e quanto mais imagens conter a leitura, maior o interesse da criança pelos livros infantis.

A arte de contar história é antiga e sempre foi relevante para pessoas de todas as culturas e idades. Quando essas histórias fazem parte das vivências de quem as ouve, elas ganham ainda mais significado, especialmente quando impactam nos

valores que posteriormente vão definir a concretização existencial. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 16) ressalta: “*Literatura oral ou literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados”. A literatura infantil, portanto, pode ser o ponto de partida para a apresentação de histórias que envolvam situações do cotidiano, histórias que permitam imaginar formas alternativas de socialização ou interpretação da realidade. Nisso, ela também convida para pensar sobre valores e soluções. Quanto mais a criança for confrontada com criatividade e imaginação, maior será o potencial de que ela faça uso exatamente dessas estratégias para lidar com a realidade que a circunda.

## 2. Convivência e imaginação de comunidade

A história bem humorada de Til Schweiger e Klaus Baumgart, *O coelho sem orelhas*, convida a criança a se envolver com temas importantes de nosso cotidiano como o preconceito, a exclusão, o *bullying*, mas também com aceitação e afeto. O livro traz a história de um coelho que nasceu sem orelhas, com isso sofre exclusão não só dos outros coelhos, como também de outros animais. Embora o coelho sem orelhas consiga realizar todas as atividades como os outros, sua diferença produz exclusão. A temática central do texto está relacionada à deficiência corporal, ou melhor, a uma forma de ser no mundo que não se iguala aos padrões dominantes. O texto problematiza essa alteridade e convida o ouvinte a rever formas de convivência.

**Figura 1** – Capa do livro



**Fonte:** Baumgart; Klaus (2012).

O enredo trabalha com dois vetores afetivos centrais. Por um lado, o sentimento de solidão fica evidente quando ninguém quer ser amigo do coelho, problematizando emoções como medo e tristeza. Por outro lado, faz referência ao sentimento de amor e carinho, quando o coelho resolve cuidar de um ovo, lendo histórias, comendo, dormindo e passeando com o ovo, até que um dia o ovo se parte e nasce um pintinho com duas orelhas. Desse modo, a discussão em volta de valores

está acompanhada das dinâmicas afetivas que caracterizam a realidade diegética do protagonista.

Ao se deparar com o ovo, o coelho imediatamente se propõe a encontrar o dono para a devida devolução. Fica evidente a visão moral na socialização do protagonista, quando atribui valor à necessidade de devolver o objeto encontrado. Com efeito, o coelho sai à procura de seu dono fazendo cartazes e distribuindo-os em vários lugares. O comportamento do coelho, portanto, traz a lume os valores que motivam suas ações. Nisso, sua alteridade fica em segundo plano, passando a investir toda sua energia pessoal em diminuir o possível sofrimento do dono do ovo. Aqui, os valores da empatia, do cuidado com o outro, da afetividade compartilhada se sobrepõem, de modo que ele esquece completamente a ausência de suas orelhas e a exclusão que decorre dela.

A utilização de animais pequenos que podem muito bem remeter ao mundo das crianças caracteriza sua infantilidade e fragilidade. O livro propõe um percurso de imaginação de aceitação e respeito ao diferente, permitindo as crianças se identificarem com a trama e fazendo reflexões sobre a mesma. Nesse trabalho de imaginação, o livro traz uma temática que auxilia no processo de construção de valores como tolerância, empatia e afeto. Nesse horizonte, o comportamento do protagonista sugere outra forma de pensar o convívio social. No lugar da atenção ininterrupta voltada para o si, a fim de maximizar os próprios recursos, ou da atenção açuladora para a diferença do outro, a fim de estabilizar a identidade do grupo dominante, o olhar do coelho e sua energia acional se voltam para o outro. Ele antecipa a tristeza que o dono do ovo pode estar experimentando e essa antecipação o move em direção ao outro.

Desse conjunto de ações emergem duas imagens de comunidade. Por um lado, a comunidade que se constrói com base na alteridade do outro, enfatizando a diferença e fazendo uso do princípio de exclusão, como forma de administrar o pertencimento de grupo. Por outro lado, vislumbra-se uma construção de comunidade pautada pelo princípio da solidariedade. Esta também olha para o outro, mas não com a finalidade de identificar a diferença, mas sim com o intuito de verificar modos pelos quais se possa diminuir o sofrimento alheio. Desse modo, a realidade diegética faz ofertas de imaginação da comunidade: uma pautada pela exclusão, outra pensada pela solidariedade.

**Figura 2** – Representação das duas comunidades



**Fonte:** Baumgart; Klaus (2012, p. 48).

O piar do pintinho foi direto ao coração do coelho sem orelhas, o que indica uma sensibilidade apurada para solidariedade e empatia, uma vez que ele bem sabe o que é ser excluído e ridicularizado. Quando o coelho sem orelhas e o pintinho com orelhas passam a serem amigos inseparáveis, o enredo propõe alternativas de ser no mundo. Nesse horizonte de amizade, não impera o valor da maximização da força e da influência no grupo, no marco da associação aos mais fortes. Ao invés disso, surge uma amizade caracterizada pelo investimento afetivo, onde as diferenças corporais dos personagens não interferem no modo como podem explorar o mundo em sua volta. O coelho como protagonista deixa de ser estigmatizado e passa ser um ator social responsável ao cuidar de seu companheiro.

As belas ilustrações são outro ponto relevante neste livro, pois permite a criança imaginar e se envolver na história, criando um imaginário visual. A imagem do coelho sozinho na gangorra transmite uma mensagem de solidão, reforçando a ideia do texto: “por isso, o coelho sem orelhas vivia sempre sozinho” (BAUMGART, 2012, p. 11), remetendo a experiências com as quais o público leitor dessa faixa etária pode se identificar. Quando ele assiste ao filme com o ovo no sofá, dorme com ele e faz um gorro para protegê-lo, as imagens reforçam o sentimento de afeto e cumplicidade, produzindo um léxico visual que oferece ao leitor outras formas de pensar o ser em comunidade. Como destaca Coelho, texto e imagem se fundem como linguagens autônomas e estimulantes:

As pesquisas da psicanálise ligada à pedagogia (atentas aos diferentes estágios de amadurecimento mental e emocional da criança) provaram ser a *linguagem-das-imagens* um dos mediadores mais eficazes para estabelecer relações de prazer, de descoberta e de conhecimento entre a criança e o mundo-das-formas (seres e coisas) que a rodeia e que ela começa a explorar desde que abre os olhos para o mundo. (COELHO, 2000, p. 131, grifo da autora).

O léxico visual se junta, portanto, ao enredo mediado verbalmente para fazer uma proposta alternativa de mundo, encenando outras formas de concretizar ações e comportamentos. Dessa confluência entre imagem e verbo também emergem figurações de valores que a criança passa a imaginar ao apropriar-se do universo ficcional. Nesse percurso de imaginação, pode-se perceber como o coelho sem orelhas mudou no decorrer do enredo. Antes triste e sozinho, surge um protagonista cuja autoestima fica evidente. No lugar da alteridade, destaca-se a felicidade que decorre de ter encontrado um parceiro para ser no mundo. Esse episódio já não foca na diferença, pois a diferença é produto da imaginação dominante. Ela foca no prazer da vida compartilhada, na solidariedade, na comunidade.

Publicado em mais de trinta línguas, o livro não tem nação. Seu enredo transcende as fronteiras e foca na convivência entre as pessoas. A linguagem acessível e poética sugere de forma divertida que todos podem ter amigos e serem felizes, independentemente de suas características físicas. Para isso, contudo, é preciso um esforço de imaginação que a literatura pode estimular. Para Fidelis (2005, p. 50), “a estória serve, também para resolver pequenos conflitos, pois a criança transporta para sua realidade fatos contados, podendo compreender melhor

seus problemas e até mesmo tentando solucioná-los através das histórias”. A narrativa ficcional surge como potencial de imaginação, e reflexão sobre temas do mundo real. A contação de histórias edifica, transmite valores, aborda questões problemáticas, pode auxiliar a compreender melhor a realidade e a postura no enfrentamento de muitos temas. De fato, como afirma Coelho (2000, p. 15), “é a literatura, - verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte”.

### 3. Interação com a diferença

A segunda obra a ser analisada é o livro *Tudo Bem Ser Diferente*, de Todd Parr. O enredo transmite uma mensagem sobre inclusão de uma forma leve e ao mesmo tempo profunda, levando as crianças a refletirem sobre suas ações. O livro faz uma oferta de imaginação sobre como respeitar e conviver com as diferenças, como lidar com diversas deficiências, desenvolver solidariedade e compreender a importância de auxiliar o próximo. Um interesse central do texto, portanto, reside em encenar e problematizar a questão dos valores, convidando os leitores a imaginar formas alternativas de conceber o mundo.

Figura 3 – Capa do livro



Fonte: Parr; Todd (2009).

O uso da literatura infantil como ferramenta para trabalhar a inclusão é de fundamental importância para o aprendizado da criança, uma vez que o livro cria possibilidades de aproximação da história com a realidade social, onde ela possa identificar o eu e o outro, no contexto de suas interações. O enredo deixa claro que todos são especiais no seu modo de ser no mundo e que é importante conviver com essas diferenças. Segundo Vieira (2015, p. 16), é necessário estimular o contato com histórias prazerosas:

As crianças realizam sua leitura de mundo através do que veem e das histórias que os adultos contam. Assim, elas precisam ser estimuladas com histórias prazerosas que lhes permitem compreender melhor o mundo. A leitura para as crianças e, conseqüentemente, a Literatura Infantil é muito importante, desperta na criança a sede de conhecimento, do saber e aprender, do ler bem e adquirir novas habilidades.



O livro de Todd Parr aborda assuntos como adoção, separação, deficiência física e preconceito racial de maneira lúdica. Estimula o respeito à diversidade étnica e cultural, convida a imaginar amizades de formas distintas, com características e costumes diversos. Ao transmitir essas mensagens de forma divertida, o enredo tem um potencial substancial de alcançar o universo infantil. Nisso, ele faz uma proposta de imaginação em cujo cerne se encontra uma discussão sobre valores, especialmente no que diz respeito às formas de conviver e ser no mundo.

**Figura 4** – Harmonia na convivência com as diferenças



**Fonte:** Parr; Todd (2009, p. 30).

O enredo sensibiliza para o exercício da empatia, do respeito, da cooperação e aceitação, valores imprescindíveis para uma boa convivência. Ao mesmo tempo, ele indica que a diferença pode coexistir de forma harmoniosa no convívio social, sem precisar desencadear conflitos para sua obliteração. Com isso, sua mensagem se encontra em consonância com uma proposta de formação, pautada por valores do convívio pacífico. Habilidades como respeito, aceitação e acolhimento são expostas nas dez competências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) das quais a nona evidencia a importância de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 9).

Ao contar a história *Tudo bem ser diferente* de Todd Parr, nas instituições de educação infantil, local que favorece o convívio com a diversidade, pode-se estimular o desenvolvimento de valores voltados para a prática do respeito à diferença. De forma descontraída, a voz narrativa aborda temas que fazem parte do cotidiano das crianças e que tendem a gerar conflitos. Muitas vezes, elas chegam às escolas ainda bem cedo, carregando conceitos oriundos de sua socialização familiar, com valores que por vezes não primam pelo interesse na inclusão da diferença. Não

raramente, ser diferente, quer seja pela cor da pele, pelo gênero, pelos aspectos físicos e culturais, causa conflitos e exclusões.

Nesse bojo, o universo diegético propõe alternativas, convida a imaginar e, no melhor dos casos, a concretizar um conjunto de valores que não só aceita, mas acolhe a diferença como algo positivo e desejável. Nessa proposta de imaginação da sociedade, a voz narrativa não reduz a complexidade que compõe a realidade social, ao invés disso, prefere estimular um exercício de imaginação que ensina a lidar com ela.

Conviver com diferenças representa um elemento central que atravessa toda a existência do indivíduo. Por isso, é relevante que desde a mais tenra idade se exponha essa temática para que a criança entenda o conceito de inclusão no seu sentido mais amplo e possa conviver de forma respeitosa com a diversidade que caracteriza seu meio social. Novamente a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 34), nos direitos de aprendizagem, ressalta que a convivência com o outro auxilia a pessoa a “conhecer-se, ou seja, interagir com o diferente auxilia não só na construção da identidade pessoal como também constrói uma imagem positiva do grupo ao qual ela pertence”. No campo de experiência (escuta, fala, pensamento e imaginação), esse mesmo documento prevê:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p. 37).

A obra de Todd Parr se insere nessa proposta, convidando seus receptores a interagir com o enredo. O livro tem frases curtas e diretas, o que possibilita estimular questionamentos. Ele explora questões como adoção, separação dos pais, famílias com configurações alternativas (com dois pais, ou duas mães). Essas diferentes temáticas recuperam a realidade social e sua complexidade. Seu enredo, portanto, permite que as crianças identifiquem paralelos com a realidade não ficcional, mas também possibilita imaginar um mundo que talvez não corresponda à realidade vivida em seu meio. A exposição da diversidade pode ser o ponto de partida para diálogos, em que a criança começa a se articular sobre as formas de ser e conviver no mundo. Nesse exercício de articulação, ela também começa a imaginar valores que podem fundamentar comportamentos e ações.

Nessa mesma esteira, o enredo também convida a imaginar a diversidade física. Assim, sua proposta sugere que é perfeitamente aceitável conviver com diferenças físicas, por exemplo, ser alto, baixo, ter muito ou pouco cabelo, usar óculos, ter poucos dentes, ser de cor diferente, ter nariz e orelhas grandes e até usar cadeira de rodas para se locomover. Em algumas situações, as crianças se identificam com essa realidade, em outras, elas aprendem a conhecer outras formas de ser. Em ambas as situações, elas exercitam uma imaginação que se pauta pelo interesse de aprender a conviver com a diversidade.

O livro também expõe questões afetivas que angustiam muitas crianças. O enredo estimula a conversar sobre sentimentos – “Tudo bem dizer não para coisas ruins... Tudo bem ter orgulho da gente mesmo” (PARR, 2009, p. 13, 19); também enfatiza a aceitar a timidez, ser o último, ser adotado, ter um amigo invisível, ficar bravo, perder alguma coisa, realizar algo de bom para nós, fazer pedidos, ter sonhos e ser diferente. Num primeiro passo, todos esses elementos convidam a criança a se articular sobre seu universo afetivo, aprendendo a encontrar palavras para se posicionar. Num segundo momento, eles também ensinam a aceitar a alteridade de suas experiências afetivas. Dessa confluência, emerge um universo ficcional que identifica na afetividade um valor importante e que deve ser respeitado.

As ilustrações contribuem para intensificar os processos de imaginação (LAJOLO, 1984, p. 13). Por ser bem ilustrado, com cores fortes e desenhos simples, o impacto visual desencadeia a imaginação da criança e provoca um movimento de articulação. O léxico visual no livro infantil também pode auxiliar na construção de valores como acolhimento e empatia, ao propor outras formas de pensar o convívio com a diferença, e estimular o desenvolvimento de consciência crítica em seus leitores para que eles possam se posicionar com criatividade diante de sua realidade social:

Enfim, o que hoje define a *contemporaneidade* de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; leva-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade-em-transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151).

Enredo verbal e léxico visual pode auxiliar na compreensão e imaginação desse mundo em transformação. Quando livros infantis expõem temas importantes como a diversidade racial, cultural ou física, eles sensibilizam e fazem uma proposta de como conviver com esse mundo. Regina Zilberman (2003, p. 46) defende que a literatura infantil não deve ter um caráter pedagógico simplesmente, mas possibilitar reflexões. Essas reflexões podem ter um impacto fundamental para imaginar a relação do si com o mundo, mas também no modo como o indivíduo aprende a se posicionar diante da diferença. Nesse horizonte de diálogo entre sujeito e mundo ficcional, podem surgir valores de acolhimento da diversidade que configura a realidade social.

### **Considerações finais**

Não cabem dúvidas sobre a importância da literatura infantil na formação da criança. O ato de contar história vai além do mero entretenimento, pode conquistar o pequeno ouvinte por meio do enredo, estimulando a imaginação. Ao ser confrontado com as narrativas, o ouvinte encontra uma proposta de mundo que pode afetar o modo como articula sua realidade e como se movimenta no espaço social. Esse encontro com o mundo ficcional também possibilita desenvolver estratégias que lhe permitam saber lidar com as diferenças, reconhecendo que cada

um possui suas singularidades, sendo importante compreender, respeitar e acolher essas diferenças.

Tanto o livro, *O Coelho sem orelhas* como *Tudo bem ser diferente* encenam, de forma prazerosa, percursos para entender a realidade, construir valores e se posicionar de forma harmoniosa, visando uma sociedade mais tolerante. Nisso, a criança constrói uma relação prazerosa com os livros infantis, aproximando-se de outras realidades, experimentando empatia e novas emoções, exercitando a imaginação. Pelo exposto, fica clara a importância da escolha de obras literárias, em especial as que trazem as temáticas abordadas nas obras citadas. São esses livros que instigam a imaginação de uma sociedade consciente da diversidade e estimulam o desenvolvimento da sensibilidade diante das diferenças. Nesse sentido, a literatura infantil pode ser um ponto de partida valioso para a imaginação de valores inclusivos, visando uma convivência sadia e acolhedora.

---

## Referências

---

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BAUMGART, Klaus; SCHWEIGER, Til. *O coelho sem orelhas*. Tradução de Ilse Luder. São Paulo: Panda Books, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda, 2000.

FIDELIS, Sílvio Aparecido; TEMPEL, Mônica. *Educação infantil: uma proposta lúdica*. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984

MATHIAS, Dionei. Alteridade e infância no conto “We’re not Jews” de Hanif Kureishi. *REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 4, p. 66-81, 2020.

MULLER, Julian. C.; MATHIAS, Dionei. Pureza e violência: imagens da infância em A. Veteranyi. *Literatura e Autoritarismo (UFSM)*, Santa Maria, v. 35, p. 83-94, 2020a.

MULLER, Juliana C.; MATHIAS, Dionei. Contatos com a história no conto: quando o senhor Pirzada vinha jantar. *Água Viva (UNB)*, Brasília, v. 5, p. 1-14, 2020b.

PARR, Todd. *Tudo bem ser diferente*. São Paulo: Editora Panda Books, 2009.

VIEIRA, Emili Silva. *A contribuição da literatura infantil para crianças com necessidades educativas especiais*. 2015. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB, Brasília, 2015.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura na escola*. São Paulo: Global, 2003.

---

### Para citar este artigo

---

BESSA, Luiza Gomes dos Santos. Literatura infantil e valores inclusivos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 194-206, jan.-abr. 2022.

---

### A autora

---

**Luiza Gomes dos Santos Bessa** é graduada em Letras pela UNEMAT e em Pedagogia pela UFMT. Tem especialização em Educação Especial (AJES) e Práticas em Sala de aula (UNINA), cursa mestrado em Estudos Literários (UFSM) sob a orientação do Prof. Dr. Dionei Mathias, na Linha de pesquisa: Literatura, Comparatismo e Crítica Social. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6656-5395>.